



XII ENCONTRO EM SÃO ROQUE

DIA 29 DE AGOSTO DE 2015



FAÇA PARTE DESSA HISTÓRIA: PARTICIPE DO XII ENCONTRO

Quando vamos empreender uma viagem de nossos sonhos, preparamo-nos com antecedência, marcando a data, agendando-a para que nada venha a perturbar este plano. Pois bem, esta viagem encantada que nos leva para um passado saudoso e rico e revigora o nosso presente e faz bem ao corpo e à alma, já está marcada, será dia 29 DE AGOSTO DE 2015.

Não é um convite, é uma CONVOCAÇÃO. Pode marcar em sua agenda, programar em seu celular, pôr aviso na geladeira, avisar parentes e amigos...

Tanta antecedência visa eliminar qualquer desculpa e colocar nosso coração, já no ritmo de festa, em doce expectativa, antegozando as alegrias de rever o nosso casarão, abraçar os amigos, matar saudades.

Quantos de nós, só temos a oportunidade de entrar em contato com velhos companheiros nestes encontros e sabemos que vale a pena.

As Colinas do Ibaté nos aguardam para celebrarmos a PERSEVERANÇA. Perseverança que deu rumo seguro às nossas vidas e fez de nós cidadãos, sacerdotes ou leigos, prestativos e atuantes no mundo. E é esta perseverança que nos vai trazer novamente para o sagrado convívio da amizade, da confraternização aos pés da Mãe, o Imaculado Coração de Maria.

Portanto dia 29 de Agosto de 2015, será o nosso XII Encontro.



**ENTRE
NESSA
FARRA**

**GRANDES
EMOÇÕES**



CENAS REAIS

A JUSTIÇA TARDA MAS NÃO FALHA...



Attilio Brunacci*

Pelo menos é o que o povão diz e eu me incluo nesse povão, como se pode constatar na crônica de agora.

O negócio é o seguinte: no último do Echus do Ibaté, edição nº 131, escrevi um artigo recordando a “saudososa” vestição de batina de onze colegas nossos na capela do Seminário, no longínquo ano de 1957. Acontece que nem me passou pela cabeça que, desses onze, dois foram ordenados padres nos primeiros meses de 1964 e que, portanto, no ano da graça de 2014, eles estavam celebrando o seu Jubileu de Ouro de ordenação presbiteral, motivo mais do que justo para uma matéria toda especial neste nosso boletim.

Ora, isso não aconteceu! Nada foi noticiado! Erro perdoável - isso mesmo, perdoável - levando-se em conta a grandeza de coração dos dois ibateanos que sabem perdoar tudo e a todos.

Hoje, então, neste artigo, fiat justitia! Ou: Justitia quae será tamen!

Como redimir o erro? Como fazer-lhes justiça tardia, mas merecida?

Assim sendo, a crônica desta edição do Echus, ao lado dos cumprimentos de todos os seus leitores, destaca alguns traços da trajetória de vida dos nossos colegas, vida toda ela dedicada ao serviço do Povo de Deus. São eles: Nasser (que gostava de ser goleiro no Ibaté...) e Ripoli (o querido Janjão).



Nasser Kehdy Netto

Nasser Kehdy Netto, cônego da Arquidiocese de Ribeirão Preto, nasceu no dia 3 de maio de 1941; ordenação presbiteral dia 14 de março de 1964.

Estudou Filosofia no antigo Seminário Central do Ipiranga. O curso de Teologia foi na Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Atuou na Pastoral Vocacional da sua Arquidiocese; foi professor no Seminário Menor Maria Imaculada; pároco na paróquia Nossa Senhora Aparecida; professor no Seminário Maior São José. Desde 1984 até os nossos dias, pároco da paróquia de São Lourenço, na cidade de Pontal/SP. É membro do Cabido Metropolitano; juiz auditor na Câmara Eclesiástica de Ribeirão Preto; e juiz do Tribunal Eclesiástico Interdiocesano.

João Rípoli, também cônego da Arquidiocese de Ribeirão Preto, nasceu no dia 4 de outubro de 1936; ordenação presbiteral dia 30 de maio de 1964.

Curso de Filosofia: nos antigos Seminários de Aparecida e Central do Ipiranga. Estudou Teologia em Dubuque (Iowa/EUA). Em Ribeirão Preto, Cônego Ripoli é pároco da paróquia Nossa Senhora do Jubileu: Mãe da Divina Graça.

Ao lado dos compromissos paroquiais, destaca-se também pela sua atuação como coordenador da Pastoral Carcerária da Arquidiocese desde 1986. Nessa missão, assistiu de perto ao agravamento dos presídios paulistas e ainda presenciou o nascimento das facções criminosas que “comandam” o sistema prisional.

Mesmo com todas essas responsabilidades pastorais, Janjão - perdão, Cônego João Ripoli - ainda marca presença na FRASOL-Fraternidade Solidária São Francisco de Assis, entidade filantrópica que ele fundou em 1989. O núcleo de atendimento da FRASOL é um bairro caracterizado por marcante carência socioeconômica como, por exemplo, falta de autoridade familiar, crianças vítimas de violência doméstica ou expostas à exploração sexual ou envolvidas com drogas. Com foco na formação sociopedagógica e cultural, tem ainda como objetivo promover a autoestima e a adequação das famílias ao mercado de trabalho.



João Rípoli

E assim, com este artigo, justitia facta est... Assim eu espero. Aos colegas jubilados, um abraço fraterno de todos os ibateanos!

Ad multos annos, vivas!

(*) Attilio Brunacci, 78 (49/55) Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: “Grazie Tante”, autobiografia, “São Paulo na Frente pelo Trabalho” e “Cetesb”: 25 anos”. Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. atliobrunacci@gmail.com

Para-choque do Caminhão do Ibaté

Toda música é linda...
até servir como
despertador.





Pe. Otto Dana*

Dia desses, conversando com um amigo ligado ao cerimonial da Igreja, de repente me perguntou: “Você sabe qual é a diferença entre o liturgista e o terrorista? - Não! - É que com o terrorista ainda dá pra negociar!

Minha condição de emérito, de “dolce far niente”, como diz o tirolês, me permite certas experiências extravagantes. Vez por outra, me disfarço e vou participar de missa no meio do povo. Assim mato dois coelhos numa só vassourada: cumpro meu dever de católico e sinto como meus colegas da ativa cuidam da liturgia.

Em outras ocasiões me infiltro numa igreja evangélica ou protestante e com eles oro, canto, gesticulo e louvo. Que os católicos não me excomunguem por isso. Posso garantir que não me tornei menos católico, mas, me sinto mais cristão e mais ecumênico.

E que diferença! Pena que não pratiquei esses intercâmbios, quando ainda estava na ativa. Teria aprendido muito. Do nosso lado católico, uma liturgia fria, ritualista, sem emoção, sem participação. Cada um por si, ignorando o outro. Alguns pregadores mal preparados, sem conteúdo, sem adequação das mensagens da Bíblia às necessidades atuais.

Missas ou celebrações sem empatia com o povo, sem alma, sem convicção. Percebe-se que a hora do sermão é a hora do cochilo da assembléia. A celebração, seja do preceito, seja para os mortos, seja para bodas, seja para novena, não tem diferença. É sempre por aquele livrinho sem graça do Liturgia Diária, que é o vademecum de padres e leigos. É o facilitário.

Chega em cima da hora, abre o livrinho, leituras que

não tem nada a ver com o sentido daquela celebração. Não exige preparação, estudo, pesquisa de textos adequados, de adaptação dos ritos àquela circunstância. Está tudo prontinho.

É só apertar o botão.

E não é por falta de recomendação da Igreja. A reforma litúrgica do Concílio Vaticano II e posteriores incentiva a criatividade, a adequação, a inculturação, a atualização.

Liturgia não é fixidez, repeteco, mesmice. É celebração da vida. É reinventar e reinventar-se. É liturgia e não letargia.

Participei de missas e celebrações que davam gosto de estar lá. Ao chegar à bênção o povo se olhava e perguntava: mas, já acabou? Que pena! Já em muitas outras, a cena era diferente: Xi! Mas, não acabou ainda? Que saco!

Nas igrejas evangélicas, não em todas, a sensação é diferente. Desde a chegada, você é acolhido com entusiasmo.

Querem saber de você. Te levam até o lugar na igreja. A fala do pastor ou pastora é sempre de quem se preparou, estudou, assimilou a mensagem, primeiro para si para depois levá-la a assembléia. A celebração deles na sua maioria, não é aquele ritualismo acachapante. Há criatividade, espontaneidade, participação. Você se despede com aquele gosto de quero mais!

Graças a Deus, nós católicos temos muito a aprender e a renovar com essa realidade de liturgias diferentes da nossa.

Seríamos mais litúrgicos e menos ritualistas e letárgicos. Mesmo assim, continuo sendo padre católico romano... enquanto deixarem!

(*) Pe. Otto Dana, 75 (54/58) Pároco Emérito da Igreja Sant'Ana em Rio Claro-SP, Diocese de Piracicaba. otto.dana@gmail.com

PARÓQUIA DAS TROVAS

TEMA: CIDADANIA

Fazer jus a seus direitos,
gozar deles todo dia,
às leis pátrias sujeitos,
isto é cidadania.

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Gesto de cidadania
é cuidar da natureza
defender a ecologia
com ardor e firmeza.

Alfredo Barbieri (49/53)

Exercer cidadania,
sempre, em qualquer situação,
é motivo de ufania,
muito mais que obrigação.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

TEMA: MENTIRA

A mentira é uma verdade
que o mendaz inventa então
para a crença e validade
dos ingênuos de plantão.

A mentira não resiste
porque é muito incoerente
vê-se logo que é um chiste.
A verdade é transparente.

Tem perna curta a mentira,
diz ditado popular;
que a gente sempre prefira
A verdade salutar.



Envie-nos você também a sua trova. Dois Temas para o próximo ECHUS: ELEIÇÃO/POLÍTICA.

A pedra Fundamental



José Moreira de Souza*

Era o ano de 1954. Faz 60 anos. A meninada de São Paulo havia retornado das férias com novidades em dois estágios. O festejo ímpar do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo e a derrota do Brasil na Copa do Mundo. No primeiro, emblemas comemorativos lançados por aviões, balas com a logomarca do IV Centenário, relatos sobre o Ibirapuera. Nessa mesma época, para lembrar o povo e a cidade cosmopolita, São Paulo promoveu o I Congresso Internacional de Folclore, ao qual Minas Gerais compareceu para exibir o Presépio Pipiripau, uma obra construída ao longo de dezenas de anos, com centenas de figuras movidas por eletricidade. Sobre a derrota do Brasil, - segundo estágio -, a criançada não se esquecia de repetir o nome do juiz ladrão, o inglês Mister Ellis.

Tudo isso era novidade para nós de Minas Gerais que percorríamos algo como 900 quilômetros enfrentando Maria Fumaça, de Diamantina até Belo Horizonte, e o trem de baiano de Belo Horizonte até Aparecida do Norte. Estou me referindo ao Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora Aparecida, instalado no ano de 1952 e que acolheu uma grande leva de mineiros residentes em Minas, até o ano de 1954.

O Seminário Menor Metropolitano de Aparecida que recebeu a meninada xucra até 1957, certamente deu ao Seminário Médio Metropolitano Imaculado Coração de Maria de São Roque um enorme alívio aos padres que não precisariam domesticar crianças, saudosas da mamãe, do leitinho pela manhã e cheias de “maus hábitos” de origem. A função de “fazer o trabalho sujo”, ou melhor, de limpeza, coube durante esse período a Aparecida.

Creio que isto foi bem feito. No ano de 1953, nós mineiros praticamente lotamos um vagão e fizemos a maior algazarra durante a viagem, embora vigiados atentamente por 6 seminaristas maiores do Seminário Provincial de Diamantina e acolhidos em Belo Horizonte pelo Padre Noé Rodrigues. Logo nos quinze primeiros dias, após a rotineira fala do senhor

Reitor, cônego João Bueno Gonçalves, algo como 20 mineiros e muitos paulistanos foram remetidos para suas respectivas residências.

Eis o caso. O, então, Cônego João Bueno, após sua sempre belíssima e encantadora explanação sobre a vida no seminário, passou a sondar as aspirações dos pretensos levitas:

- Levante a mão quem quer ser chofer de caminhão!
- Três ou quatro, responderam: mãos para o alto.
- Agora, quem quer ser advogado?

Cinco ou seis obedeceram: mãos ao alto.

O grande e simpático reitor continuou enumerando as profissões dos desejos das crianças para, finalmente, pedir:

- E quem quer ser padre?

....

Terminada a palestra, separou o joio do trigo.

- Permaneçam os que querem ser padre e sigam-me os que afirmaram querer ser chofer, médico, advogado.

No dia seguinte, o trem e o ônibus da Pássaro Marrom cumpriram a missão de devolverem os equivocados vocacionados às suas respectivas famílias.

Para insistir na missão do seminário, o diretor espiritual - nós dizíamos, padre espiritual -, João Maria César de Resende escrevia, dirigia e encenava peças de teatro como “Acertei o meu caminho”, em que éramos convidados a

ser Domingos Sávio e escrever com o próprio sangue “Sou Seminarista”, ou “Errei o meu caminho”, o drama do pecado e da má consciência. Nosso modelo deveria ser a “consciência delicada” em imitação a São Luiz de Gonzaga do qual se dizia que apenas ao imaginar que poderia pecar já desmaiava de medo de ofender a Deus.

Pois bem, esta longa introdução para ir ao cerne do tema dessa conversa. São Roque deve a Aparecida nossa preparação para a vida em comunidade. Chegamos cheios de história dos edificantes casos da “Pérola das Virtudes”, convencidos de que quem esconde pecado vai pro inferno, e quem comunga em pecado vai para dois



A futura Basílica de Nossa Senhora Aparecida

Sob o título de “A arte no Primeiro Congresso da Padroeira”, o Dr. Benedito Calisto de Jesus Neto concebeu a imprensa uma extraordinária coletânea, na qual são referências a respeito da futura Basílica de Nossa Senhora Aparecida, a saber:

“A nova Basílica de Aparecida será a mais grandiosa obra de arquitetura religiosa do Brasil. Estamos trabalhando ativamente a fim de que dentro em breve seja iniciada a sua construção.

A área ocupada pela nova igreja será de cerca de 24.000 metros quadrados, o que a situa entre as maiores igrejas do mundo.

Pelos dados numéricos seguintes pode-se fazer uma idéia da grandiosidade do futuro monumento que o Brasil vai erguer em honra de sua Rainha e Padroeira. A sua lotação será de 12.000 pessoas; a cúpula terá 24,00 metros de diâmetro e estará a uma altura de 60 metros. As 3 naves medirão cada uma 22,00x40,00 metros e terão um pé direito de 40,00. As capelas sacramentais medirão 12,00x36,00 metros. As naves de ambulatório, de 7,00 metros de largura, têm um desenvolvimento total de 240,00 metros.

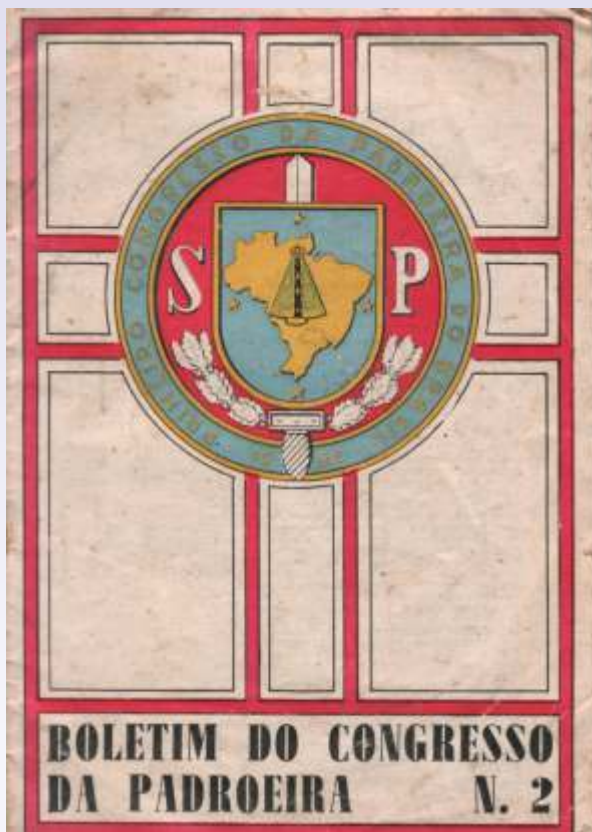
As galerias cobertas que envolverão a igreja, pelo lado de fora, têm a largura de 7,50 metros e um desenvolvimento total de 500 metros.

A torre, de 18x30 metros, terá uma altura de 100 metros.

infernos. “Confessai-vos bem” e “Comungai bem” - obras do padre Luiz Chiavarini - eram leituras obrigatórias no refeitório e convite à meditação da manhã e dos exames pequeno e grande de consciência.

Mas nós que passamos por Aparecida vivemos um momento histórico que merece registro e celebração, após decorridos 60 anos. F o m o s testemunhas - Meninos, eu vi! -do lançamento da Pedra Fundamental da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida, no dia 8 de setembro de 1954 com a presença do cardeal Adeodato Giovanni Piazza, legado a lattere pontifício.

O caso foi assim - possivelmente os levitas de São Roque presenciaram a Sagração da Catedral de Nossa Senhora da Assunção, no dia 5 de setembro, ou estiveram na Praça do Congresso, no dia 7 de setembro para assistirem à missa pontifical e ouvirem emocionados e devotos “a fala pelo rádio, ao povo brasileiro de Sua Santidade o Papa Pio XII, gloriosamente reinante” - nos passeios de algumas quintas feiras, o destino eram as obras de terraplanagem da futura Basílica Nacional. Subíamos e descíamos a rampa de terra solta, nadando na poeira para indignação e devida correção disciplinar do padre prefeito - como sofriam os ministros da disciplina -, pescávamos lambaris, piabas e camarões de água doce no pequeno córrego que margeava as obras. Porém, no dia 8 de setembro, estávamos todos de terno azul marinho, camisa branca com a gola bem arranjada sobre o paletó, sapatos pretos bem engraxados. Todos bem comportados, subimos em fila a Rua Barão do Rio Branco, contornamos a ladeira do que seria a Basílica Velha, e nos postamos piedosos em frente ao altar



preparado para a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da futura basílica. Uma longa procissão iniciada em São Paulo, às 6:00 horas da manhã era aguardada junto à Via Dutra. Presentes Cardeais - Dom Jaime de Barros Câmara, Dom Augusto Álvaro da Silva, Dom Teodósio Lourenço de Gouveia - arcebispo Lourenço Marques - Maputo - etc. Altas autoridades, Lucas Nogueira Garcêz etc. o Presidente Getúlio Dorneles Vargas não pode comparecer porque poucas semanas antes havia se despedido do povo - do povo, não; de Carlos Lacerda e sua trupe enraivecida.

Por que tudo isto? Porque era o ano do IV Centenário da Cidade de São Paulo e o Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota determinou que entre os festejos se celebrasse o “Congresso da

Padroeira do Brasil”. A última cerimônia consistiu na coroação de Nossa Senhora pelo Cardeal Piazza em nome do papa. Eu imaginava crianças vestidas de anjinhos para isso.

O Congresso findou aí, mas continuamos testemunhas históricas da fundação da Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil. O padre espiritual deixou lugar para pregações a Dom Helder de Barros Câmara. Dom Jaime nos ensinou brincadeiras que resultaram em fratura de meu braço esquerdo. E soubemos de uma bronca do arcebispo de Diamantina, Dom José Newton de Almeida Batista, o qual representou junto ao Cardeal Mota a estranheza pelo sequestro de diocesanos de seu rebanho - We all like sheep, ouço Haendel - para virem estudar em São Paulo. A partir de 1955, não mais foram sequestrados mineiros. Apenas os que optaram por virem aquilombar-se fugitivamente - E os homens não tinham peixes para o Conde de Assumar.

(*) José Moreira de Souza, 73 (55/59) é Sociólogo e Professor aposentado da UFMG, atualmente dedica-se às letras e ao folclore, além de emérito conhecedor da cachaça mineira. josemoreira@superig.com.br

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

Das paisagens do Ibaté às paragens de Deus



Joaquim Benedicto de Oliveira*

Nota da Redação: Na última edição do nosso ECHUS DO IBATÉ publicamos o PRÓLOGO do livro de reminiscências escrito pelo nosso colega Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho (50/56). A partir desta edição passaremos a reproduzir partes destas reminiscências. Não obrigatoriamente seguirá a ordem constante no livro. Aos que quiserem se deliciar, antecipadamente, de toda a obra do Quim, devem acessar o link: <http://177.103.223.197/Echusdolbate/>

A chegada

Entrei no seminário de São Roque no dia sete de fevereiro de 1950. Pelo jeito, fiz parte de um grupo de quarenta e sete chorosos que foram recebidos pelos veteranos com uma sessão cinematográfica no refeitório. A confirmação da choradeira se deu no dia seguinte, anotada assim pelo cronista Tarcísio Francisco da Silva: “Havendo alguns “novos” lacrimosos, houve à noite uma festinha intitulada: “Enxuga lágrimas”, para distrair os ânimos plenos de saudades”...Ponto alto da noite foi a apresentação pelos veteranos do canto “Não chorem, não”. Particularmente, já na cama e no escuro daquele, para mim, imenso dormitório, não chorei. Pelo contrário, muito matutei, me admirei e gravei meu pensamento inquisitivo para nunca mais esquecer: “Eu, num seminário?” O modo indefinido, num e não o determinativo no, revelava meu sentimento generalizado a par da ausência total de identificação com São Roque. Onde eu estava, afinal? Meu primeiro grande desafio vital aconteceu desse modo, aos doze anos de idade. Que sabia eu da vida e, principalmente, de ser padre? Confirmo: não chorei, mas inaugurei minha vida de dúvidas, de idas e vindas que durariam quinze anos até a sofrida decisão de não me ordenar. Então, sem festa nenhuma para enxugar minhas lágrimas.

A hora nossa de cada dia

Cinco e vinte da manhã: ”Fortes badaladas do sino arrancam-nos das regiões do sonho”. Seis horas: meditação, precedida da oração da manhã. Em seguida, Missa. Em sequência, ginástica no pátio interno: “É bom preparar o estômago para um gostoso café, exercitando o corpo ainda não de todo acordado. No café todos trabalham bem!”. Quinze minutos de recreio. Estudo. Oito e trinta, primeira aula. Nove e vinte, recreio de quinze minutos com reforço do estômago. Dez e trinta e cinco, segunda aula. Onze e trinta, almoço. Recreio a seguir, de uma hora e quinze minutos. Joga-se vôlei (campeonato), anda-se de perna- de- pau, ping- pong, brinca-se. Treze e quinze, vão todos cansados e suarentos à capela: “exame de consciência!”. Quatorze horas, terceira aula. Recreio em seguida, de quinze minutos, quando os barbudos fazem a barba na quarta e no sábado. Às dezesseis e quinze, quarta aula. Quinze minutos de recreio. Em seguida, leitura espiritual na capela. Segue-se o jantar e o recreio obrigatório. Findo este, quarenta e cinco minutos de estudo. A seguir, na capela outra vez, Reza do Terço, Bênção do Santíssimo, Oração da noite. Por fim, em fileira e cantando o Sub Tuum, todos se dirigem ao descanso noturno.

O silêncio

O mês de março, de 50, foi cheio de avisos, ordens, orientações, e a primeira bronca solene do ministro, especialmente sobre os menores, por sua falta de silêncio no refeitório. “Já é tempo de iniciarem a vida séria aqui no seminário”, disse com palavras claras e severas. Foi o primeiro

grande medo provocado naquelas cabeças recém chegadas e infantis, já que na continuação, revelou: “vários casos já estão sendo estudados pelos padres superiores”. E em contraposição, nesse mesmo mês, a Schola Cantorum iniciou os ensaios do canto a quatro vozes “Va Pensiero”. A bronca do silêncio esvaeceu-se no tempo mas o canto a quatro vozes enraizou-se no sangue sanroquense e até hoje é seu hino oficial da saudade.

Consolo

“Devido ao sereno da manhã, não houve ginástica”. E o ministro inventou as audições musicais pelo autofalante, “para tirar a melancolia que a chuva produzia nos recreios”. Sem dúvida, uma bela invenção.

O morro das brisas infantis



Morro Sabó

Lá de cima, a gente via nosso mundo que começava e terminava condensadamente ali, no sopé largo, profundamente fincado no chão e no cume estreito, arrojadamente disparado em direção ao céu. Aquele morro era (é) nossa medieval catedral.

Alcançar o seu topo era uma façanha infantil. De fato, a alegria de lá chegar era sinônimo de festa, como convém a crianças. Mas era sobretudo um ato religioso, pois lá chegando, sabíamos ter ultrapassado a linha do profano e tocado, então, o limite do sagrado.

“Benedicamus Domino”, entoava o padre espiritual. E a feliz molecada respondia: “Deo Gratias”. E finalmente, ao cantar o “Sub tuum praesidium”, nossa catedral natural se sacralizava nas alturas. No baixo e largo horizonte, aplanavam-se o mundo, as cidades, os homens; no alto, encontrávamos com Deus.

Nem passava pela nossa ideia que ali poderia estar nosso “Tibi Dabo”; com certeza, não tínhamos tanta intimidade com o Demo e com as tentações. A brisa que lá curtíamos era o carinho do Verbo divino, repetindo em nossos ouvidos: “Deixai vir a mim as crianças”.

Tornamos aquele espaço nosso mítico início vital. Foi lá que começou a se formar em nós a consciência de que éramos chamados para uma missão bem mais ampla que a dos comuns mortais. Nossos olhares estavam sendo treinados para enxergar o



Morro Sabó

mundo com a visão “de cima”. Só mais tarde nos foi possível fazer a ligação desse chamado com a dupla expressão: a da possível escolha e a da tentação de se achar melhor que os outros, em razão dessa mesma escolha. Configurou-se aí o nosso “Tibi Dabo”.

Conseguí subir até o cimo do morro apenas uma única vez. Foi-me especialmente difícil transpor a última etapa, uma rampa mais inclinada, de onde rolavam pedras descontentes por terem sido pisadas desordenadamente. Nesse momento, quase desisti, quis voltar. Mas um braço amigo apoiou minha quase desilusão por não ter conseguido chegar. A ajuda foi tão forte e decidida que, quando me dei conta, já estava montado no pescoço do inesquecível e fraternal “Mister Wood”. Desse modo, não só aportei gloriosamente lá no cume em cima, como me senti na posição mais alta em relação aos demais. Este foi, sem dúvida, meu “Tibi Dabo” particular. Achei-me especial e mais perto do céu que os outros, o que me envaideceu automaticamente.

Hoje, olhando a foto original daquele momento, vejo-me nos ombros do Bitá, mas nem assim estou no mais alto. Além de estarmos os dois num ligeiro declive, há mais um colega também nos ombros de outro e em posição superior. Foi ou não meu “Tibi Dabo”?

Em outras ocasiões voltamos a subir o morro do Sabóó, mas em verdade lhes escrevo, jamais cheguei àquelas culminâncias. Nessas outras vezes já conhecia meu destino de não escolhido e nem mesmo apareceu novamente o anjo “Wood” para me ascender em suas asas.

A chance que tive para recuperar tudo o que por aquele morro deixei em pendência foi-me oferecida pelo Germano. Mas, infelizmente, não pude comparecer ao lançamento de suas cinzas do alto de nossa catedral. Mas, com um pedido de licença ao amigo de tantos momentos, pensei nele como se fossem minhas as fraternais e esvoaçantes cinzas espalhadas lá do alto pelas mesmas brisas que acolheram nossa infância. Quem sabe, sonhei, essas brisas misturadas com as cinzas não tenham carregado dali para as cidades e para o mundo as novas palavras divinas: Deixai vir a mim o que restou da infância destes adultos.

O Terno Cáqui

Pela primeira vez na vida - vida bem curta, aliás, só tinha doze anos - ia ganhar um terno. Era o traje oficial do seminário de São Roque, e, segundo o alfaiate, tinha de ser assim, assim. Tudo bem! Não me incomodou nenhuma exigência. Na verdade, nada sabia de ternos. Só me borboletei com a cor, afagando minha imaginação por causa da cor. Que diabo era essa cor? E por que essa indesejável premência de ser cáqui? Perfeito ignorante, perguntava-me que cor era aquela. Cáqui? Não seria, por acaso, cor de caqui, a fruta? Credo! Terno cor de caqui!? Mesmo assim passei a adorar ter de usar terno cáqui.

Apenas quando cheguei à estação da sorocabana, onde pegaria o trem para São Roque, é que me dei conta do que representava o terno de cor cáqui. Havia quase uma centena de garotos vestidos da mesma forma. Era uniforme de seminarista ou de participante de safári? Lembrei que tinha visto algo semelhante num filme sobre a África. Caçadores? Demorou muito tempo para eu ir ao pai dos burros a fim de saber o significado de cáqui. Próprio para o safári, a cor de poeira caía muito bem. Mas, e para os seminaristas? Nunca ouvi uma explicação. Mas passei a supor que a cor de poeira deixava o grupo bem definido: todo mundo igual e bíblicamente feito de barro.

Por fim, aquele pequeno exército cáqui embarcou, não antes, porém, de tirar uma foto pra lembrança. E, nela, lá

estou eu, com meio corpo fora da janela do trem, rindo não me lembro mais do quê. Olhando com firmeza é possível identificar aquele sorriso cor de cáqui.

Alguns estavam de calça comprida. Pareciam mais velhos que eu. Também havia alguns mais gordinhos. Outros mais altos fizeram-me sentir um miúdo. Desde esse momento de partida, tive uma ideia do que seria a divisão daquele exército em maiores, médios e menores. Eu era menor e parece que assim permaneci durante sete anos. Nunca soube o real critério para ser declarado médio ou maior. Tirei alguma vantagem de ter sido um eterno menor? Ah, sim. Nunca me escalaram para fazer trabalhos de gente grande. Nunca fui sineiro, por exemplo, já que não alcançava a cordinha do badalo. Mas fui nomeado sacristão, porque para apagar as velas do altar havia o caniço, um abafador de cabo enorme que facilitava o serviço. Prefeito, então, impossível: era sempre alguém imponente, de voz corazziana, de porte altivo e bom nos estudos.

Agora entendo porque, já no curso de Filosofia, ganhei o apelido de “Fichinha”. Conformei-me, porém bem depressa, depois de descobrir que havia outro baixinho como eu, de apelido “Amostra Grátis”. Ufa! Mas em São Roque eu era qualquer coisa “zinho”. Além de diminutivo, o sufixo indicava também a indecisão de saber se representava carinho ou depreciação do verdadeiro nome. Fui assim jogado numa mesma panela dos zinhos: Claudinho, Luizinho, Joãozinho, e por aí ia. Atribuo essa perseguição diminutiva ao fato de eu ter me apresentado na sorocabana de terno de calça curta cáqui.

Essa foi a minha viagem que durou sete anos. E só hoje recordei que a cor dos vagões do trem era cáqui. E escura por causa da poeira!

Araçariguama

O f a m o s o “Portal do Interior”, terra do nosso Doutor Araçá e também ex-aluno do Ibaté, faz parte de um conglomerado de cidades mais ou menos no entorno de São Roque. Mairinque, Alumínio, Pirapora e outras. Seu nome



Araçariguama, do nosso tupi, indica o lugar onde os arajaris bebem água. Essa ave é muito colorida, de plumagem verde, vermelha, de peito amarelo ou amarelo e vermelho. A cidade pertenceu à Vila de Parnaíba e tem como ponto de referência a matriz de Nossa Senhora da Penha. Na minha memória, a garotada do seminário visitou essa cidade no ano de 1953, quando da visita do governador Lucas Nogueira Garcez, amigo dos nossos superiores que, por sua vez, eram colegas do padre Mateus Nogueira Garcez, irmão do Chefe do Estado de São Paulo. Nem imagino o porquê, mas o fato foi que acompanhamos a comitiva oficial até Araçariguama. Prestígio para o Governador ou prestígio para os padres? Só sei que lá um membro do séquito governamental começou um discurso que, para mim teve apenas e unicamente invocação. De cigarro entre os dedos, o representante daquele cortejo diademado começou: Povo de Açaciguarana! E alguém lhe assoprou: é Araçariguama. Ele corrigiu-se: Povo de Araçaciguarama! Outro lhe indicou: é Araçariguama. Aí, ele deu uma demorada baforada e solenemente arrematou: Povo de Açariguarama! Saímos tapando a boca com as mãos e fomos rir detrás do palanque.

(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 76 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP joka.oliveira@uol.com.br

COMENTÁRIOS SOBRE O LIVRO

“DAS PAISAGENS DO IBATÉ ÀS PARAGENS DE DEUS”



Letterio Santoro*

Comecei a ler o livro **Das paisagens do Ibaté às paragens de Deus**, do bom companheiro Quinzinho, no dia 30 de maio de 2014, no dia seguinte a sua chegada por sedex. Uma obra parecida com *Palavra de Seminarista*, de Paulo Toschi, por tratar da vida dos seminaristas de São Roque, e, no entanto, uma obra tão diversa.

Paulo Toschi se serviu quase estritamente da memória, enquanto Joaquim Benedito de Oliveira se inspirou também nas crônicas escritas ao longo dos sete anos de sua permanência (1950 - 1956) no seminário do Ibaté, isto é, do doze aos dezoito anos, ou seja, do final da infância aos últimos dias de sua adolescência.

E Quinzinho de repente ressuscita nomes de cronistas daquele tempo, valorizando assim uma fonte preciosa de informações da época, escondidas no limbo dos arquivos da Cúria Metropolitana. Valoriza um gênero literário praticado por alguns - a Crônica - aos quais era dada a incumbência de registrar fatos e acontecimentos.

Diz o Quinzinho a certa altura de seu Prólogo: “...presto aqui minha homenagem aos cronistas do período de 1949 a 1956. Em seus textos, bebi muito de sua notável fonte memorialista.” E cita-lhes, dois a dois, um por semestre, os nomes a esses cronistas, a começar pelo primeiro, Darcy Corazza, iniciando a série em 1949.

Mas não espere o leitor achar longas citações de textos desses cronistas. Não. As curtas referências entram como um suave e imperceptível perfume a tornar mais deliciosas as palavras de Mestre Quinzinho. Só no item Cronista, a página 23 da apostila que tenho em mãos, o companheiro Quinzinho se expande mais à vontade.

Explica-se: analisa ele as crônicas escritas por ele no primeiro semestre de 1956, um pouco diferentes, segundo ele, das de seus antecessores pelos assuntos tratados. Interessante essa parada sobre os próprios textos, examinando agora, 58 anos depois, os escritos do final da adolescência. Quanta surpresa na variedade de assuntos!

O livro “**Das paisagens do Ibaté às paragens de Deus**” começa propriamente com a chegada dos novatos em sete de fevereiro de 1950 e de uma grande interrogação, inaugurando “minha vida de dúvidas, de idas e vindas que durariam quinze anos até a sofrida decisão de não me ordenar”. Junta as duas pontas da vida de seminarista.

Percebe-se também que o livro abrange atividades de todo um dia da vida do internato, desde o despertar às cinco e vinte da manhã, passando pelas atividades religiosas, de estudo, de cultura, de lazer, até chegar ao “canto final do dia”, aquele “*Sub tuum praesidium configimus*” cantado à noite a caminho do dormitório. Canto amado!

O companheiro Quinzinho, porém, embora focado nos sete anos de experiência de São Roque, achou um meio de nos levar também, através de sua original trama, para os seminários de Aparecida (Filosofia) e do Ipiranga (Teologia), e até os tempos de sua “iniciação política...sob a influência do nanico jornal ‘Brasil Urgente’”.

Do seminário do Ibaté, até por sugestão dos citados cronistas, são a maior parte dos episódios da obra. Um deles, cheio de comoção, trata do “mergulho de Jesus”, iniciando assim: “Houve um dia em que a morte nadou na piscina”.

Como nós em 1959 com a morte do José Benedito, assim o autor teve também a sua experiência da morte.

Mas o escritor, ao falar do “estudão coletivo” de São Roque, se lembra outrossim do de Aparecida às “cinco da tarde” no item *O Perfume da Indisciplina filosófica*. Aquelas tardes de estudo, num como em outro lugar, são inesquecíveis, tanto pelo horário da tarde, quanto pela concentração nos estudos. Mas o item vai além, diz muito mais.

Em “A travessura do Itanhaém, muitos anos depois”, Joaquim Benedito, num de seus textos mais longos, entre outras coisas, fala de umas férias coletivas do pessoal do Central do Ipiranga, quando “enterramos o Pacelli na areia, sob as bênçãos do (Pe.) Alberti ajoelhado ao pé daquele monte sobre o escolhido para o ‘sacrifício’”.

O Pacelli a que se refere o escritor é, com a graça de Deus, o hoje Mons. Aquiles Pacelli, nosso querido vigário da Paróquia São Pedro de Garça, com quem falei do texto do Quinzinho, cujo nome declinou por inteiro. Marcou-o muito a travessura dos colegas, e prometeu entregar-me fotografias sobre o macabro ritual para serem divulgadas.

Há, porém, alguns assuntos tocados levemente pelo autor que me impressionaram ao longo da leitura. Um deles é a inocente crueldade ou pequenas maldades de alguns colegas de seminário. Outro, o seu apreço pela liberdade nos diversos seminários. Outro ainda, a grande questão da educação sexual dos internos.

Assunto que me arrepia todo no livro é o das Cadeiras Literárias, na página 31, sob o nome “Vinte e seis de março de 1953”, data em que “o Grêmio Literário Pio XII institui suas ‘Cadeiras Literárias’”. Quinzinho cita até os nomes dos patronos: três do clero e três escritores. A literatura foi sempre para mim a grande paixão da vida.

Mas você não acertou, meu caro Quinzinho, em colocar meu nome entre os que sentaram nessas cadeiras. O Jurandyr Amadi sim, com seu trabalho *O Naufrago do Atol (sic?)*. O José Wolf com seu *Borboleta Branca (sic?)*. E em minha turma o Waldemar Faria com seu *Arara Vermelha (sic?)*. Esses e outros escritores eram meus monstros sagrados.

Não nego que ousei concorrer por duas vezes. Uma com texto de fundo histórico, outro sobre a Primeira Comunhão. O grande poeta Nazareth dos Reis foi o crítico do segundo trabalho, e há de ter ficado horrorizado com a ingenuidade do tema. Guardo, porém, ainda, meu caro Quinzinho, tanto o meu texto, quanto a crítica feita.

Antes de terminar preciso confidenciar ao companheiro uma cisma: acho que também eu fui cronista no seminário do Ibaté. Mas não tenho certeza. Talvez no último ano, em 1959, quando num semestre fui prefeito e em outro cronista? Se você folheou as crônicas desse tempo posterior ao seu, pode me dar alguma certeza. Seria a glória.

Terminei de ler pela primeira vez o texto de mestre Quinzinho no dia 06 de junho de 2014, uma semana depois de iniciado. E, após a leitura, tive a impressão de estar lendo algo parecido com *As Mil e Uma Noites*, histórias inventadas ou recriadas, saídas do coração do Quinzinho, como aquelas da boca de Sherazade. Não deveriam acabar.

(*) Letterio Santoro, 74 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça), autor, entre outros, do livro de poemas *AMOR PLURAL, ANTOLOGIA POÉTICA, O EU HERÓI, MOMENTOS* (poemas da infância e de adolescência) e *Romanceiro de Garça*. letterios@hotmail.com

NA CASA DO PAI

Faleceu em 30.07.2014, aos 76 anos de idade, nosso colega DIONISIO LEITE DA COSTA (50/56). Formado em Serviço Social pela PUC, fez estágio na Santa Casa de Misericórdia. Bacharel em Ciências Jurídicas, que começou no Largo São Francisco, concluídas na Universidade de Taubaté. Trabalhou na Procuradoria Jurídica da Prefeitura de Campos do Jordão. Lecionou na Universidade de Taubaté, nos Cursos de Serviço Social, Direito, Economia e Administração. Foi, por duas vezes, Chefe do Curso de Serviço Social e Chefe do Departamento de Direito. Possuía o Registro Profissional de Jornalista (MTB) nº 42751/SP. Casou-se com Cecília, em 1964, em Bragança Paulista, sua grande companheira. São seus filhos: Carlos Henrique, Adriana, Marcus Vinicius, César Augusto e Luís Gustavo e têm cinco netos. Estudou no Seminário de São Roque, no Seminário Central do Ipiranga. Possui grandes amigos entre os colegas do Ibaté. Homem simples, educado, acadêmico em todos os sentidos que a palavra conceitua e define, trilhou a sua vida sem se afastar um milímetro da formação humanística e cristã, recebida no Seminário. O Echus presta justa homenagem ao colega ibateano.

NOSSA HOMENAGEM A DIONÍSIO LEITE DA COSTA

A FÁBULA DOS PORCOS-ESPINHOS



Dionísio Leite da Costa*

Era uma vez... Durante a era glacial, animais morriam por causa do frio.

Os porcos-espinhos, percebendo o perigo, resolveram juntar-se em grupos. Aconchegavam-se e se protegiam, mutuamente, mas uns feriam-se nos espinhos dos companheiros mais próximos, - justamente os que ofereciam mais calor.

Por isso os porcos decidiram afastar-se, uns dos outros, para não mais se machucarem... Muitos continuavam a morrer congelados. Trágico dilema! Ou desapareceriam, sucumbindo ao frio, ou se espetariam nos espinhos.

Com sabedoria, preferiram ficar juntinhos. Aprenderam, assim, a conviver com as pequenas feridas que a relação com a pessoa muito próxima podia causar, pois o mais importante era o calor de um para o outro. E, assim, salvaram-se...

Os porcos-espinhos sobreviventes tomaram conhecimento de que, também, num local distante, seres bípedes estavam sofrendo a mesma tragédia. Precisavam viver unidos, mas cada vez mais, quando juntos, iam-se tornando agressivos, cruéis, uns com os outros. Imperavam o individualismo, o egoísmo. A indiferença, a falta de respeito, a insensibilidade, a raiva, a inveja, a rivalidade, o orgulho, o desamor eram espinhos pontiagudos que abriam verdadeiras chagas entre aqueles desesperados habitantes.

Foi, então, que os porcos-espinhos mais velhos contaram sua história de dor para eles. Os mais experientes daqueles grupos de bípedes lembraram aos mais novos que, há dois mil anos, tinha nascido numa cidadezinha da Judéia, um ser igual a eles que tinha apregoado até a sua morte: “Eis o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos

amei (João: 15, 12-13)”.

Foi assim que, pouco a pouco, aqueles seres, chamados homens, desesperados diante do ódio, da violência, da criminalidade, da devassidão, da corrupção, da opressão dos mais fortes contra os mais fracos, voltaram-se para os ensinamentos de Alguém notável, que dividira a história deles.

A luz das lições de amor do Mestre dos Mestres estava bruxuleando à espera de que os homens-discípulos a assimilassem e salvassem a sociedade, enquanto fosse tempo. A chama mortífera do brado - amai-vos uns aos outros - não poderia ser apagada.

Analisando a inteligência de Cristo, o médico psiquiatra e escritor, Dr. Augusto Cury descobriu a mais importante das escolas da história: a academia do amor: “Suas palavras são como um sonho para as sociedades modernas que mal conseguem escalar alguns degraus da cidadania e do humanismo. Se transportarmos o pensamento de Cristo para a atualidade, podemos inferir que ele queria construir na humanidade uma esfera tão rica afetivamente que o ser humano deixaria de ser um mero nome, “conta bancária”, “título acadêmico”, “número de identidade”, e passaria a ser uma pessoa insubstituível, singular e verdadeiramente amada (Cury, Augusto. Análise da inteligência de Cristo. 18ª ed., São Paulo: Academia da Inteligência, 1999).

Se quisermos evitar que nos dilaceremos, uns aos outros, com os espinhos lancinantes de nossos sentimentos e atitudes, resta a cada um de nós, a cada família, à humanidade tornar-se aprendiz das lições de amor do Mestre, ecoando-as: “Amái-vos!”

CASO EDIFICANTE

O exame do marido



José Lui*

Uma mulher acompanha o marido no consultório do médico. Depois do marido fazer um check-up, o médico chama a esposa dentro de outra sala e diz:

-O seu marido está com um stress profundo. A situação é extremamente delicada, se a senhora não seguir as instruções que eu vou lhe passar seu marido certamente vai morrer. São apenas algumas instruções que significarão a vida de seu amado esposo.

1-Toda a manhã prepare-lhe um desjejum reforçado; para o almoço, ofereça-lhe uma refeição nutritiva e para o jantar pratos especiais, tipo comida japonesa, italiana e francesa. Seja agradável e faça tudo para ele se sentir bem.

2-Mantenha sempre um bom estoque de cerveja gelada no freezer e não o atrapalhe quando ele estiver vendo futebol na Tv.

3-Pare de assistir novelas e não o chateie com reclamações do universo feminino deixando-o à vontade e relaxado.

4-Não discuta seus problemas com ele e procure satisfazer todos os desejos e fantasias dele.

No caminho de casa o marido pergunta o que foi que o médico disse.

Ela responde:

-Ele disse que "você vai morrer".

(*) José Lui, 76 (49/56)- Filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978. rubrolui@hotmail.com

Escrever é desafiar



Joaquim Benedicto de Oliveira*

As associações, no texto “Circunlóquios” publicado no “Echus do Ibaté” de julho-agosto, são um convite à abertura da mente embotada na rotina. As surpresas que elas causam, no entanto, não chegam a arripiar as lições da filosofia escolástica, base intelectual do pensamento eclesiástico ensinado nas aulas de um seminário levítico.

É possível, porém, que algum leitor do Luiz Loureiro possa ter se assustado com sua composição de apenas um extenso e único parágrafo. Começa numa manhã e termina na sugestão de que essa mesma manhã se transforma em todas as manhãs da vida. Ou melhor, joga a percepção de uma determinada manhã - “nesta” - para um abismo sem fundo e sem fim, não só das manhãs mas também das tardes e noites da vida inteira. E essa percepção unificada da existência é criada em nossa consciência pela arte e trabalho com as palavras, na especial organização do Loureiro.

O “eu” narrador dessa seqüência infinita de pensamentos é alguém absolutamente mergulhado na vida atual, precisamente no momento do hoje brasileiro. O texto forma um complexo conjunto de ideias percebidas por um eu doridamente fragmentado e estilhaçado por tantas informações diárias, noturnas e perenes sem fim sobre a vida. Revela, no entanto, a superação daquele antigo momento do Caetano

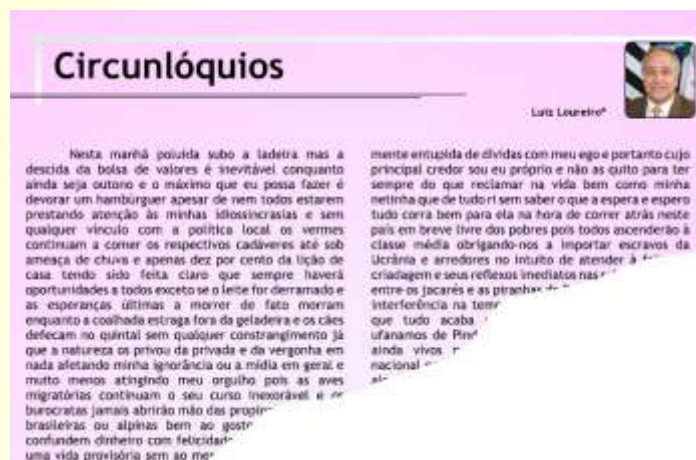
Veloso, ao questionar quem lia “tanta notícia”, ao topar o nariz e os olhos numa banca de jornais.

Reconheça-se que aconteceu uma espécie de osmose na consciência pós-moderna. Dorme-se com a cabeça posta sobre uma TV em forma de traveseiro. Entenda-se aqui a TV como símbolo e repositório de jornais, revistas, celulares, iPhone e outros “is”, redes sociais e antissociais e não se sabe mais o quê.

É assim que “Circunlóquios” se torna uma imponente e incomodativa representação de um fluxo de consciência que,

no correr do pensamento, desconhece vírgulas, ponto e vírgula, dois pontos. Ao contrário, só conhece o que são as reticências, para sugerir que a série de pensamentos fragmentados é como a fissão da bomba atômica, capaz de abalar a paz de leitores acomodados e que querem apenas ver em letra de forma suas claras e imperturbáveis convicções. E, por acaso, a vida só pode ser aquela ditada pela lógica absoluta da escolástica?

O texto do Loureiro cumpre muito bem a missão de oferecer um desafio ao leitor, que placidamente espera um urgente céu da confirmação de seu modo de pensar, mas que, bem ao contrário, recebe um anárquico inferno da dúvida que faz pensar. Afinado com a arte literária pós-moderna, Luiz Loureiro é nosso “James Joyce” do Ibaté.



(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 76 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP joka.oliveira@uol.com.br

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De Alfredo Barbieri (49/53) - Caro Mosca. O Echus cada vez mais me surpreende. O Fradão é de fato um homem de Esperança. Deus o ilumine e lhe dê vida longa. Que beleza de Conto: Que é do Menino? Valeu a premiação. O Gasparini sempre me enviava as Coletâneas da Academia Saltense. Fomos contemporâneos em Pirapora. Ler o Toschi é reviver os áureos primórdios do Ibaté. Que memória ! Que observações pertinentes !. O Loureiro é um barato. Das Paisagens do Ibaté às Paragens de Deus do nosso Quinzinho, promete: pelo prólogo se conhece o gigante. Vem coisa preciosa por aí. O Rolando Zani, sabia das coisas ao falar com propriedade da "Melhor Qualidade de Vida". Um abraço ao Lui, sempre edificante. O poeta Paulo Oliveira se revelando. A beleza da poesia do Jurandir. A justa homenagem ao Walter Barelli. Taubaté-SP 28.07.2014

alfredo_barbieri@hotmail.com

De José Carmo Gomes Guimarães (59/62) - Caro Wilson, parabéns pelo ótimo trabalho decorrente de sua competência e dedicação. Enorme prazer em ler os artigos, como sobre o Irmão Bernardo. Tive oportunidade de participar da sua comunidade CCEV e presenciar sua atuação sincera e eficaz junto aos dependentes e seus familiares. Também fruto da consciência espiritual e social adquirida em sua vivência no Ibaté. Excelente o artigo do Paulo Francisco Toschi, descrevendo com maestria e sensibilidade a entrada da garotada no Ibaté, pura verdade. Ótima homenagem ao Rolando Zani, competente profissional da saúde, nos deixando um grande legado de cultura nos seus livros. Enfim, parabéns a todos e em especial a você e equipe, responsáveis pela montagem desta especial edição do Echus do Ibaté. Abraços a todos. São Paulo-SP 28.07.2014

jccguima@uol.com.br

Pe. Nasser Kehdy Netto (57) - Wilson e todos, agradeço o "Echus" bonito e substancioso que acaba de chegar. Ibateano por apenas um ano (1957), a turma faz parte de minha caminhada... Neste ano (14 de Março) completei 50 anos de padre.... Agradeço a Deus por todos que já colocou no meu caminho. Um abraço. Pontal-SP 28.07.2014

nkehdy1@gmail.com

De José Paulo Bruna (59/63) - Em nosso último Echus belas recordações do nosso Rolando Zani. Tive o prazer de conviver com ele. Jeca como eu era, vindo de uma região chamada Gato Preto (interior paulista), lá pelos idos de 57 fui internado em Aparecida do Norte, naquele enorme e assustador casarão e depois, a partir de 1959, em São Roque. De música, somente conhecia o trivial que saía de um rádio a acumulador: guarânia (Cascatinha e Inhana); bolero (Roberto Luna, Francisco Alves) e músicas rurais : Irmãs Castro, Tônico e Tinoco, etc. Foi em São Roque que entrei em contato com algo diferente: a música clássica. O responsável pelo meu aprendizado nessa área foi o

nosso amigo Rolando Zani. Às quintas-feiras, nos intervalos ouvíamos músicas clássicas que ele nos passava e participávamos de concurso para saber: nome da música, autor, etc. Nunca cheguei a ganhar nada, mas o bom gosto e a marca desse prazer, tenho saboreado até os dias atuais....Umuarama-PR 02.08.2014

jp_bruna@yahoo.com.br

De Sergio José Schirato (51/57) - Prezado amigo Wilson, boa tarde! Muito grato pela lembrança de meu aniversário. Fiquei muito feliz, pois, embora não compareça aos eventos organizados por você, aprecio muito receber notícias do Ibaté. Realmente, foi um tempo que marcou demais nossas vidas. Aproveito para agradecer o jornalzinho muito bem organizado por você e sua equipe. Leio sempre tudo com muita atenção. Grande abraço a você, ao Justo, enfim, a todos seus colaboradores diretos. Cordialmente. São Paulo-SP 04.09.2014

sjschirato@uol.com.br

SOBRE NOSSO XII ENCONTRO

De Francesco Episcopo (54/55) Nossa!! eu já estava com vontade de não faltar. Porém depois que vi as providências já tomadas como: as ambulâncias de plantão e as que o pessoal de Minas vai tomar, fica realmente impossível faltar a esse encontro. Um abraço a todos, e esperemos que estejamos todos em forma até lá. Santos-SP 01.09.2014

f.episcopo@gmail.com

De João Francisco de Brito Ramalho (60/62) - BELEZA, Wilson! Esse convite mexe com o mais profundo do nosso ser. Qual o ibateano que não sente sua alma vibrar ao receber tal convocação? E você, como um sino, já anunciando, com tamanho idealismo, através de acordes ressonantes, que transpõem os limites do espaço e do tempo, o advento do nosso XII ENCONTRO. Um abraço. Salvador-BA 01.09.2014

jramalho47@gmail.com

De José Eustáquio Rodrigues da Costa (59) - Falou e disse, Sr Wilson, paz e bem!

Que seria de nós, pobres crianças adultas do Ibaté, se não fosse a sua abnegada dedicação. A família toda já ficou sabendo, e já vamos locar uma van para irmos todos ao Ibaté. Até lá, grande amigo. Mogi das Cruzes-SP 01.09.2014

jtaco@bol.com.br

De José Paulo Bruna (59/63) - Já estou carimbando meu passaporte.....Se o bom Deus permitir...estarei lá....abraços. Umuarama-PR 01.09.2014

jp_bruna@yahoo.com.br

De Heleno Célio Soares (57/59) - Desta vez, eu vou. Oi Zé Moreira! 2 litros da boa mineira eu levo! E queijo também, uai! Lagoa Santa - MG 01.09.2014

soares.helena@gmail.com

De Celso Guidugli (58/59) - VAMO NÓIS, KEIRÓIZ!!!! São Paulo-SP 01.09.2014 celsiug@uol.com.br

De Pedro Sansone (51) - Recebi sua mensagem. Lá estarei se estiver bem de saúde para comandar a cozinha e contribuir com meus dotes culinários para a festa. Santana de Parnaíba-SP 01.09.2014 psansone@globomail.com

De Paulo Francisco Toschi (49/53) - Sugiro que o Perereca leve fogos e, lá do alto do Saboó, cumprimente os colegas que estarão no Ibaté. São Paulo-SP 01.09.2014 paulo.toschi@uol.com.br

De José Moreira de Souza (55/59) - Boa, Mosca, eu já estava pensando na data coincidir com a 49ª Semana Mineira de Folclore. Aí eu ficaria numa sinuca de bicos. Com essa antecedência, não há esse risco. Tomara que mineirada esteja disposta a alugar um baita de ônibus (????). Abraços. Belo Horizonte-MG 01.09.2014 josemoreira@superig.com.br

De Silvano de Miranda Melo Neto (59/61) - Obrigado Mosca. Estaremos lá, Seu Deus quiser estaremos lá. E ELE ARARÁ DE QUERER! (na linguagem do Baiano do Jegue) kkkkk Mogi das Cruzes-SP 01.09.2014 silviomelo.adv@gmail.com

De José Luiz Brant de Carvalho (51/56) - Obrigado. É sempre um renascer!!!

Cor da Vida
O novo e o velho enfrentam
Acor da mudança.
Até parece que uma corda une tudo,
Corda que se divide em cores...
O azul da alegria...
O vermelho do amor...
O verde da esperança...
O amarelo da confiança...
As cores do renascer,
Acor da Cor da Vida.
São Paulo-SP 01.09.2014
jbrantdecarvalho@bol.com.br

A ESCAVADEIRA



Seis e meia da manhã. Ouço ferros rangendo sobre o solo. Corro à janela. Ela está partindo. O sol ainda não iluminou meu quarteirão. Vejo-o lá longe, pintando de rosa vivo o céu do nascente. A escavadeira está com faróis acesos. Não sabia que ela tinha luz. Claro, seu bobo: como haveria de trabalhar à noite? Foi minha vizinha durante algum tempo. Num grande terreno, havia muitas casas. Quando cheguei a este bairro, já estavam desabitadas. Mas, de pé.

A escavadeira foi demolindo, uma a uma. Bastou meia manhã para derrubar toda uma ala. Ao fim do dia, eram só escombros. Deixou toda uma esquina com paredes em ruína. Não quis por por terra. Foi embora e só voltou meses após. Bastaram dois dias para estabelecer em definitivo sua política de terra arrasada. Toda amarela, como convém a uma escavadeira. Que máquina eficiente.

Outro dia, fui falar com seu operador. Um homem de voz fininha e fraca, manejando arma tão poderosa. Só vendo para aquilatar. Em poucas garfadas de sua voraz caçamba articulada, dentuça como uma enorme piranha, a escavadeira é capaz de, sozinha, em pouco tempo, destruir um quarteirão. Depois, esmaga as colunas que pôs ao chão. Tritura. Separa o concreto das ferragens. Vai fazendo montinhos, logo, logo, montões.

O “voz fininha” chama os homens dos caminhões.



Paulo Toschi*

Trazem enormes latões. A escavadeira vai separando o material. Ferro aqui, madeira ali, blocos triturados acolá, terra e areia vão sendo espalhadas pelo terreno. Ela varre o chão, com sua pá que vira vassoura. Depois, com as costas de sua caçamba, vai compactando o solo. Tudo sozinha. Antes, eram precisos muitos homens, picaretas, malhos, muita força, muito suor. A escavadeira só quer um homem de voz fininha. Mas, muito habilidoso. De minha janela, de quando em quando, por dias, contemplo o seu serviço. Vale por um batalhão. Modesto na voz, pouco alto, meio barrigudo, mas um Hércules, quando está pilotando a escavadeira. Ontem, a eficiente operária deixou o terreno pronto. Lembrei-me do Adoniram: **“Mais, um dia, nem quero me lembrar, veio os homens cas ferramentas, o dono mandô derrubá”**. E lá estava eu, não no meio da rua, graças a Deus, mas pendurado em minha janela, para “apreciar a demolição”.

Terreno pronto, o “voz fininha” levou a escavadeira até um canto do terreno onde restara uma torneira em encanamento e deu um banho em sua preciosa máquina. Ficou tinindo. Mal sabia eu que ela estava se arrumando para partir. Hoje, o dia amanheceu e ouço seus passos, ou melhor, seus rugidos sobre o solo. Ela desliza sobre esteiras, qual os tanques lá do quartel onde servi. Gira pra lá e pra cá, parece uma cegonha empertigada. Movimentos leves e ágeis escondendo sua pesada robustez. Pois não é que havia um caminhão na rua ao lado, com enorme estrado, e a escavadeira estava subindo uma rampa, para se acomodar na carroceria? A máquina perfeita não precisa de ajuda. Ela mesma, faróis acesos, se acomodou, encolhendo seu tentáculo. Autosuficiente e vaidosa, nem deu uma olhadinha, para se despedir de mim. Apagou as luzes, deitou-se e foi embora. Restou um terreno vazio, que vai ser provisoriamente um estacionamento. Depois, abrigará altas torres do novo Tatuapé. Lá se vão as casinhas.

(*) Paulo Francisco Toschi, 78 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro “PALAVRA DE SEMINARISTA”. paulo.toschi@uol.com.br

Ah! Se todos os filhos lessem isto



Alfredo Barbieri*

É de autor desconhecido mas de um realismo impressionante e muito atual, e gostaria que os pais, as mães e sobretudo os filhos, lessem e refletissem seriamente. O tempo voa e logo são os atuais filhos que serão os velhos.

Vamos ao texto:

“Amado Filho, o dia em que este velho não for mais o mesmo, tenha paciência e me compreendas. Quando derramar comida sobre minha camisa e esquecer de amarrar os meus sapatos, tenhas paciência comigo e lembra-te das horas que passei te ensinando a fazer as mesmas coisas.

Se quando conversares comigo, eu repetir as mesmas histórias, que sabes de sobra como terminam, não me interrompas e me escute. Quando eras pequeno, para que dormisses, tive que te contar milhares de vezes a mesma história até que fechasses os teus olhinhos.

Quando estiverdes reunidos e sem querer fizer minhas necessidades, não fiques com vergonha. Compreendas que não tenho culpa disso, pois já não as posso controlar. Penses quantas vezes, pacientemente, troquei tuas roupas para que estivesse sempre limpinho e cheiroso.

Não me reproves se eu não quiser tomar banho, sejas paciente comigo. Lembra-te dos momentos que te persegui e os mil pretextos que inventava pra te convencer a tomar banho.

Quando me vires inútil e ignorante na frente de novas tecnologias que já não poderei entender, te suplico que me dê todo o tempo que seja necessário, e que não me machuques com um sorriso sarcástico. Lembra-te que fui eu que te ensinou tantas coisas. Comer, se vestir e como enfrentar a vida tão bem como hoje o fazes. Isso é resultado de meu esforço, da minha perseverança.

Se em algum momento, quando

conversarmos, eu me esquecer do que estávamos falando, tenhas paciência e me ajude a lembrar. Talvez a única coisa importante pra mim naquele momento seja o fato de ver-te perto de mim, me dando atenção, e não o que falávamos.

Se alguma vez eu não quiser comer, saibas insistir com carinho. Assim como fiz contigo. Também compreendas que com o tempo não terei dentes fortes, e nem agilidade para engolir.

E quando minhas pernas falharem por estar tão cansadas e eu já não conseguir mais me equilibrar... Com ternura, dá-me tua mão para me apoiar, como eu o fiz quando tu começaste a caminhar com tuas perninhas frágeis.

E se algum dia ouvires dizer que não quero mais viver, não te aborreças comigo. Algum dia entenderás que isto não tem ver com o teu carinho ou com o quanto te amo. Compreendas que é difícil ver a vida abandonando aos poucos o meu corpo, e que é duro admitir que já não tenho mais o vigor para correr ao teu lado, ou para tomá-lo em meus braços, como antes. Sempre quis o melhor para ti e sempre me esforcei para que o teu mundo fosse mais confortável, mais belo, mais florido. E até quando me for, construirei para ti outra rota em outro tempo, mas estarei sempre contigo e zelando por ti. Não te sintas triste ou impotente por me ver assim. Não me olhes com cara de dó. Dá-me apenas o teu coração, compreenda-me e me apoie como fiz quando começaste a viver. Isso te dará forças e muita coragem. Da mesma maneira que te acompanhei no início da tua jornada, te peço que me acompanhes para terminar a minha. Trata-me com amor e paciência e eu te devolverei sorrisos e gratidão, com o mesmo amor que sempre tive por ti. Atenciosamente. Teu Velho ou Tua Velha”.

Nada a acrescentar. Meditemos.

(*) Alfredo Barbieri, 82 (49/53) é professor aposentado da Universidade de Taubaté-SP e Membro da Academia Taubateana de Letras. alfredo_barbieri@hotmail.com



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

CONVITE AOS AMIGOS IBATEANOS



Os amigos do antigo Seminário Central do Ipiranga convidam todos os colegas ibateanos, de modo especial os ex-alunos que passaram pelo Central do Ipiranga, para participarem do tradicional Encontro Anual que se dará no dia 15 de novembro próximo.

Neste ano, o encontro dos ex-alunos terá uma grande motivação: haverá o lançamento do livro do colega **Padre José Eduardo Augusti** com o título “**A IGREJA NO CÁRCERE**” e subtítulo “**Diário e reflexões de um sacerdote nos porões do Dops**”. O livro contém artigos, cartas (Dom Paulo Evaristo, Dom Alberti e outros) com desabafos e mais reflexões do período em que esteve no Presídio Tiradentes.

O encontro será celebrado num contexto histórico-religioso num espaço onde é hoje uma das dependências da PUC-SP em que o Pe. Augusti foi aluno de Filosofia e Teologia. E, neste ano, as instalações do Seminário Central completam 80 anos de existência. Além disso, não nos esqueçamos de que a revolução militar completa, em 2014, 50 anos e fez nascer inúmeros mártires como testemunhas do Evangelho.

Por coincidência, no dia 08 de dezembro de 2012, festa da Imaculada Conceição, padroeira do Seminário, houve a solenidade oficial da Anistia/Ministério da Justiça e o Pe. Augusti foi declarado anistiado político com o pedido oficial de desculpas aos familiares por parte do Governo, no Memorial da Resistência, antigo Dops.

Não se esqueçam desta data: 15 de Novembro de 2014. Esperamos todos, com muita honra, no Seminário Central do Ipiranga, na Avenida Nazaré, 993.

A partir das 08 horas, chegada dos ex-alunos e familiares. Delicioso café da manhã, com a identificação, com muita conversa, muito bate papo.

Para o almoço, tudo o que foi trazido por todos para comer e beber será colocado numa mesa comum. Continuamos a nossa conversa com lembranças da época, cantos e a celebração de nossa amizade e união.

A partir das 14 horas, teremos o novo momento em nosso encontro: a celebração eucarística no contexto histórico-religioso e o lançamento do livro.

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 30.09.2014	
POSIÇÃO EM 31.07.2014	11.934,62
ENTRADAS	
Contribuições e doações	540,00
Juros	115,23
TOTAL ENTRADAS	655,23
SAÍDAS	
Diagramação Echus 133	480,00
Despesas Bancárias	36,75
TOTAL SAÍDAS	516,75
SALDO ATUAL 30.09.2014	12.073,10
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.08.2014 a 30.09.2014, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Antonio José de Almeida, Francisco Fierro, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, Paulo Zuchelli e Vicente de Paulo Moraes. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Jurandy Amadi, Daniel Gasparini (in memoriam), Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Letterio Santoro, Luiz Norberto Colazzi Loureiro, Paulo Francisco Toschi e Rolando Zani (in memoriam).

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, Caixa

Postal 71.509, Cep 05020-970, S. Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail: echus@zipmail.com.br; echusdoibate@gmail.com
- Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com
- E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com
- “Palavra de Seminarista” (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Twitter Amigos do Ibaté: <http://twitter.com/echusdoibate>
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens: links <http://177.103.223.197/Echusdoibate/>

Diagramação:

Conexão Propaganda (11) 4063-9081



conexão
propaganda